



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

JOSÉZINHO e o PASSARINHO

POR JOSE ASCENÇÃO D'OLIVEIRA

DESENHO DE ADOLFO CASTANÉ

CERTA manhã de Junho, Josézinho levantou-se cedo e foi brincar para o quintal com o seu triciclo e vários outros brinquedos que possuía.

Qual não foi, porém, o seu espanto, quando chegou ao quintal e viu, no meio de umas roseiras, um lindo passarinho, que tivera há pouco caído do ninho, devido a ser ainda novinho.

Foi para o apanhar, mas, como este tivesse já algumas penas, voou para cima duma árvorezinha, que perto estava.

Josézinho, que gostava mais de o ver nas mãos, apanhou uma pedra e atirou-lha, dando no raminho onde estava o passarinho, o

qual, estremecendo, caiu ao chão.

Josézinho apanhou-o e foi, logo, a correr, levá-lo à mãezinha; esta, ao ver o passarinho tam pequenino nas mãos de Josézinho, ficou deveras penalizada. Chamou uma criada e disse-lhe que trouxesse, depressa, uma gaiola para lá meter o passarinho e que fôsse pô-la na árvore perto das roseiras.

Esta assim fez; passados uns minutos, já estava a mãe do passarinho ao lado da gaiola a dar de comer ao filho que, junto às grades, abria o biquinho para a mãe lhe dar de comer.

Passados dias, já o passarinho tinha penas. A criada foi buscá-lo e trouxe-o para casa; então a mãe



de Josézinho, ao ver que o passarinho já estava criado, abriu-lhe a porta da gaiola e deu-lhe a liberdade.

Josézinho ainda choramingou, mas, em breve, calou-se e esqueceu o passarinho.

Passados mais uns dias, estavam Josézinho, seu pai e sua mãe a jantar quando, de repente, ouvem um ruflar de ásas perto deles.

Que sucedera?!

O passarinho, que Josézinho havia apanhado no quintal, entrara pela janela e fôra pousar no copo que estava sobre a mesa para Josézinho beber água. Então, apanhou-o e fez-lhe muitas festinhas, o que éle agradecia com um cantar maravilhoso.

Dáí em diante, o passarinho todós os dias vinha visitar os seus bemfeitores, que lhe tinham sempre preparada uma bela refeição de pão de ló.



■ F I M ■

JOÃO, a BORBOLETA e a MAÇÃ

POR JOSÉ ASCENÇÃO DE OLIVEIRA
DESENHOS DE ADFLFO CASTANÉ

O João era um pequeno muito desinquieto. Só na rua estava bem a brincar com os gaíatos.

Por isso, uma manhã em que não havia escola, por ser quinta-feira, a mãe não lhe deu licença para sair, como ele tanto desejava, e apenas lhe permitiu que fosse brincar para o quintal. Assim, estava livre de tomar os maus exemplos da garotada, ou de levar com alguma pedra, como tantas vezes acontece às crianças que andam metidas naquelas brincadeiras.

João teve que obedecer e foi brincar sózinho para o quintal.

De repente, veio uma borboleta muito linda, esvoaçando de flor em flor. Parecia feita de ouro.

Desejoso de apanhá-la, foi-se-lhe chegando, muito devagarinho, cosido com o buxo dos canteiros, nos bicos dos pés, quasi sem se atrever a respirar.

Quando estava a deitar-lhe a mão, o translúcido insecto ergueu o yô e saiu do quintal, de modo que o pequenino, esquecendo as ordens da mãe, abriu a cancela e largou a correr pelos campos fóra, até que avistou a borboleta, pousada junto de um poço, por cima do balde com que do poço se tirava a água.

Aproximou-se-lhe, outra vez, com mil cautelas, mas, vendo-a fugir, atirou-lhe com o boné, o qual em lugar de a prender, caiu dentro do poço, desaparecendo na água.

Apesar de ter em grande aprêço o boné, o João não desanimou, e continuou na faina de a caçar.

A borboleta já estava longe, e ora pousava numa flor, ora noutra. Quanto mais ele a seguia, mais ela se afastava, como se quizesse fazê-lo desesperar.

Por fim, entrou numa quinta cercada por um muro muito alto.

O pequeno ficou furioso, mas tanto andou em volta do muro que encontrou nêle um buraco onde, a muito custo, penetrou, arranhando as mãos e a cara, e fazendo no fato vários rasgões.

Logo que se apanhou da parte de dentro, levantou-se e olhou para todos os lados, mas não foi capaz de descobrir a borboleta.

Em compensação, viu pendente duma macieira uma



linda maçã, muito vermelha e apetitosa,

Não pensou mais na borboleta.

De boca aberta e olhos esbugalhados, mirava o belo fruto, ansioso por apanhá-lo.

Acudiram-lhe á memória os conselhos dos pais, e do professor mas ponde mais que tudo a sua gulodice.

Foi até junto da árvore, pôs-se nos bicos dos pés, a-fim de alcançar a maçã e — forçoso de dizer a feíssima palavra — furtou-a!

Apenas a sentiu na mão, teve remorsos do que acabava de fazer. Se fôsse possível, de boa vontade, tornaria a colocá-la no ramo.

Por fim, sossegou um pouco, pois tendo olhado em volta de si, não descobriu viva alma, e disse, guardando a maçã, no bolso:

— Ninguém me viu!

— Viu-te Deus, bradou uma voz tremenda, que o pequenito julgou vinda do céu.

Transido de medo, olhou para cima. Ninguém! Sentiu bulha. Era um grande cão, que arremetia, contra êle, de boca aberta, pronto a despedaçá-lo.

Correr para o buraco onde ainda mais se rasgou e sair para o campo, foi tudo obra dum momento. Porém, não o fez tão depressa, que o cão não tivesse tempo de lhe arrancar um bocado de calça. Só por milagre não lhe levou, também, um bocado de carne.

Mais morto do que vivo, sentou-se a uma sombra a descansar. Quando recobrou alento, ficou aflito ao constatar o mísero estado em que tinha o fato. Quiz refrescar a boca e levou a mão á algibeira em busca da maçã.

Não a achou nem tão pouco a algibeira! Tinham ficado no buraco do muro, ou, melhor, nos dentes do cão, valha a verdade.

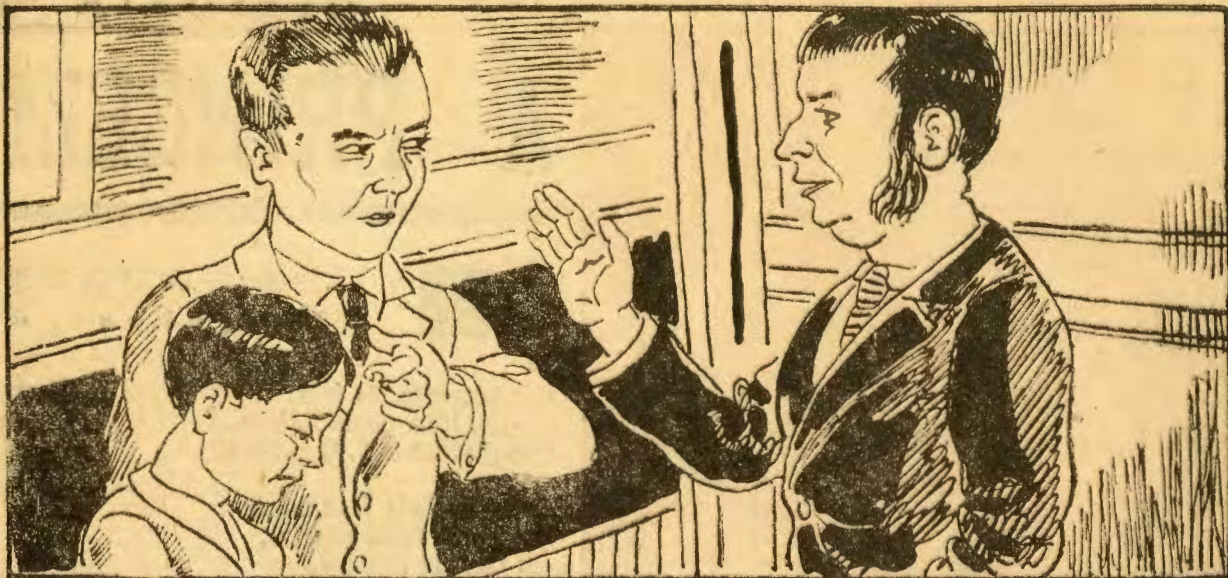
Lembrou-se, então, do que lhe dissera a tal voz que escutára.

Tanto Deus o tinha visto que já começava a castigá-lo. De subito, arrependido, caiu de joelhos, pedindo perdão pelo furto e jurando não tornar a fazer outra.

Quando ia já a entrar em casa, não sabendo como desculpar-se em presença dos pais, por se apresentar em tão lastimoso estado, encontrou-se com um hortelão, que ia a sair e que lhe disse de mau modo.

— Ande, vá tér com seu pai e sua mãe. Já sabem que têm em casa um filho larápio.





O João ficou tão cheio de medo, que ia caíndo desmaiado.

Amparou-o uma vizinha e levou-o á presença do pai.

O bom homem deu-lhe uma severa repreensão e o pequenito desobediente, de mãos postas, pediu perdão, chorando muito.

Levanta-te, disse o pai, vejo que estás arrependido, mas não posso perdóar-te. Vieram dizer-me que tinhas entrado em propriedade alheia, onde praticaste um furto. Retira-te da minha presença, pois de nada servem as tuas súplicas. Amanhã falaremos!

Safu dali, estonteado, o travêso rapaz, e foi pedir á mãe que lhe valesse naquela grande aflição. Embora ela o não acolhesse muito bem, vestiu-lhe outro fato, deu-lhe de comer e mandou-o para a cama uma hora mais cedo do que a habitual.

Na manhã seguinte o pai chamou-o.

Quando João lhe ouviu a voz estremeceu tódo, mas acudiu submisso ao seu chamamento.

Foram ambos á presença do dono da quinta, ao qual o pai do João disse estas palavras:

— Deus deu-me um filho que me envergonha, praticando uma das ações mais vis que um homem pode fazer. Aquil lho trago. Confessa ter furtado uma maçã da sua quinta. Pode dar-lhe o castigo que quizer.

O pequeno julgou que tinha chegado a sua última hora, e, de olhos pregados no chão, tremia como varas verdes, mais por vergnha de que por medo.

O dono da quinta olhou para êle durante alguns momentos e, voltando-se para o pai, disse:

— Sinto, devêras, que tenha um filho com tão más tendências. Peço-lhe, apenas, que se êle alguma vez fizer qualquer coisa má, lhe dê o castigo de lembrar-lhe a maçã que me furtou.

Ouvindo estas palavras, o João tremeu ainda mais, porque lhe pareceu estar ouvindo a mesma voz que, junto da macieira, lhe havia dito as terríveis palavras:

— Viu-te Deus!

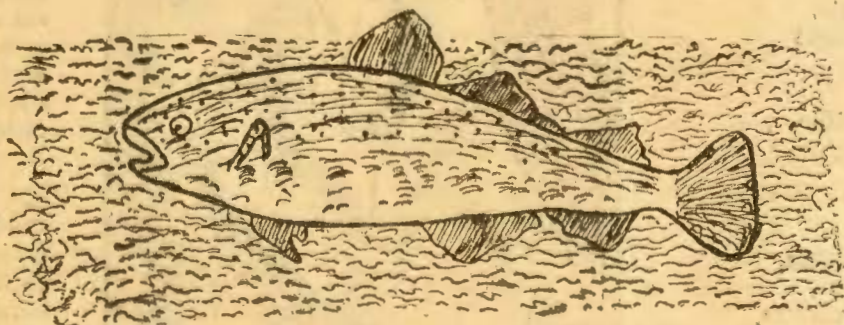
E assim era efectivamente, pois estando o dono da quinta dentro do seu caramanchão, que havia ao pé da árvore, vira o João apanhar o fruto e dera-lhe aquêlê aviso.

Dêse então, o pequeno nunca mais tirou nada a ninguém, e, quando na escola via algum dos companheiros ficar, por brincadeira, com o lápis ou a pena dos colegas, reprendia-o prontamente e dizia-lhe:

— Fazes hoje por graça, o que amanhã podes fazer por vício. Queres vir a ser a criatura mais desprezível que pode haver neste mundo: — um ladrão?

■ ■ F I M ■ ■

COLABORAÇÃO INFANTIL



Desenho do menino José Candido Correia Guimarães (de 12 anos de idade)



Desenho da menina Maria do Carmo Claro (de 14 anos de idade) — Lisboa

A PRINCEZINHA

Por AUGUSTO
Desenhos de A. L.



HA muitos anos atrás, quando andavam pela Terra fadas boas, fadas más e gnomos de serra em serra, vale em vale, monte em monte, ou de floresta em floresta, rio em rio, fonte em fonte, em certa tarde funesta, passava uma princezinha, de tal maneira orgulhosa, que a própria Mãe, a Rainha, vivia assás desgostosa.

Não fazia nada de útil, só consigo se ocupava, e ao seu espírito fútil tudo ela sacrificava.

Ora, na tarde funesta, em que decorre este conto, passava pela floresta um pobre velhinho tonto, que, por ter já tanta idade precisava dum auxílio para chegar á cidade onde tinha, em doce idílio, filhos, netos e bisnetos.

Pedindo amparo à princesa, saudoso dos seus affectos, — (Pois sozinho, com certeza, perder-se-ia no caminho, devido à sua iraqueza e a estar já quasi ceguinho) — ouviu da má princezinha

esta resposta tão feia: — «Eu, filha duma Rainha, acompanhar-te?! Que ideia!!

Então, a Fada Humildade que perto deles passava, em face da ruindade da resposta que ela dava, dirigiu-se à princezinha que, ao vê-la, ficou suspensa... e, agitando uma varinha, proferiu esta sentença:

— «Eu te fado, má menina, pela resposta que deste: torna-te em planta daninha, em ortiga ou cardo agreste, até que alguém, de valor, te desencante outra vez, dando alto exemplo de Amor, herói ou santo talvez.»

Mal proferiu esta reza, forte estampido ecoou, e, logo, a tola princesa em cardo se transformou.



Tornada cardo, a princezinha, enquanto do seus espinhos



Quem por ali passava, despro, rogava pragas ardido sentindo o cardo

Saudosa da Mãe que lá no Paço, soluçava a filha um choro que se o pois nas raizes ardido e seu gemer se dava entre o chão, de p onde a planta se av

Porém, ao fim e cem noites desta ao toque de Maria sucedeu passará um caminharinho velhinho de mald que seguia o spir em direcção

ORGULHOSA

SANTA-RITA
ALFO CASTAÑÉ

onde ia ver seu nêtinho
seus filhos e seu bragal,
como o vèlhinho a quem dera
a resposta pela qual
ela em cardo se fizera;
um caminheiro vèlhinho
dotado de tal virtude
que, — (ao picar-se num espinho
do cardo, em lugar do rude
desabafo que empregavam,
soltando pragas à planta,
os que nela se picavam,
com tanta revolta, ai tanta,) —
pelo contrário, sorrindo,
generosíssimamente,
saudou-a, num gesto lindo,
exclamando, humildemente;
— «Perdôa; a culpa foi minha,
porque, ao passar, te não vi!...»

Nisto, a linda princezinha
em sua frente, sorri,
com sua forma de outrôra,
e o cardo desaparece...



Já seguem os dois agora,
da lua sôb o esplendor...
Quem os vê jamais esquece
êsse par encantador
e o infinito carinho
com que a princesa acompanha
o tão idoso vèlhinho,
galgando a alta montanha
ou descendo pelo vale,
a caminho da cidade
onde era o torrão natal
do velho de tanta idade!

Chegados lá, o vèlhinho
logo apresenta a princesa
ao seu amado nêtinho
que era de grande beleza;
um rapagão tão perfeito
que a princezinha encantada,
sentiu logo, no seu peito,
um despontar de Alvorada.

Um mês depois, a princesa
com êle estava casada
e em seu Paço a realeza
era por todos saudada.

Mas para mais espanto
e maior solenidade,
foi a Fada da Hulmidade
madrinha do casamento.

||| Fim |||

A "Zésita" moleira

Por LUIS FIGUEIREDO CORREIA PINTO

Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

A Zésita moleira era filha do moleiro Zé Cuécas, e ficara órfã de mãe aos 8 anos. Vivia com seu pai ao fundo dum grande monte no meio de grandes rochas, junto aos moinhos, à beira do Mondego.

O moleiro, Zé Cuécas, ficara inconsolável desde que lhe morrera a sua Joaquina Rita, de quem fôra sempre muito amigo, em virtude de ela haver sido sempre o modelo das esposas.

Por sua morte, ficara Zésita, moleira, com o encargo da casa em tão tenra idade, mas dele se desempenhava com toda a regularidade. Era muito sagaz, bastante formosa e diligente.

Os donos dos moinhos eram os fidalgos da Vila-Séca, os quais, após a morte da moleira, Joaquina Rita, se afeiçoaram muito à Zésita. Ao mesmo tempo dirigiam palavras de consólo ao viúvo, Zé Cuécas, que muito se preocupava com o futuro da filha, dizendo: «Se eu morrer, que será da minha pobre filha?» Era essa idéa o seu maior tormento!

A Zésita era muito religiosa. Todas as noites se ajoelhava diante de um cruxifixo, rogando, com fervor, a Cristo, pelo alívio da alma da sua querida mãe e implorando a protecção divina para que lhes desse saúde e pudessem viver honestamente.

O Zé Cuécas, todos os dias levava os burros carregados de taleigos de farinha, aos freguezes e, no regresso, revia-se na filha, dizendo: «És tão linda como as fidalguinhas de Vila-Séca mas aí, tão pobrezinha!...»



Decorridos dois anos, o pobre moleiro estava na agonia, falecendo horas depois. A Zésita gritava com grande dôr e pedia a Deus que a levasse juntamente com o seu querido pai.

Vieram as filhas do fidalgo da Vila-Séca, Maria Luisa e Maria Isabel e o filho Carlos Alberto, estudante de medicina, e levaram-na em sua companhia para o solar. Ela, muito acanhada e inconsolável, acompanhou-os, cheia de gratidão. Lá ficou para sempre e era a inseparável companheira das fidalguinhas. Ensinaram-na a ler, aprendendo em pouco tempo, e fazendo a admiração das suas boas protectoras. Como vissem a sua grande inteligência, quizeram que ela assistisse sempre às lições das suas professoras de francês, inglês e alemão, juntamente com elas. Ficou assim Zésita com a educação e instrução igual à das generosas fidalguinhas de Vila-Séca. O estudante de medicina, quando vinha a férias, olhava-a com bons olhos, até que, ao concluir o curso, e estando de veras apaixonado por ela, disse aos pais e às irmãs estar disposto a desposar a Zésita, embora doutra classe, pois para elle não havia mulher de quem mais gostasse nem que possuísse tão belas qualidades.

Os pais e as irmãs, que muito gostavam dela, aprovaram e consentiram o casamento. A Zésita, não podia conformar-se com a idéa de que o filho de um fidalgo rico, a escolhesse para Esposa. Contudo, dizia: «Foi Deus que assim o quis!»

Vêde, meus meninos, como pelo estudo e bom comportamento, pode, até, uma simples moleirita chegar a ser a Esposa de um fidalgo rico, como sucedeu à Zésita.



Qual a coisa, qual é ela... PARA OS MENINOS COLORIREM

I

Sou cadeira sem 'spaldar, mas com braços, confortável, e sou, também, titular muito nobre e sempre afável.

II

Sou, também, nobre, porém, de menos categoria, mas sou cestinha, também, dos tempos da fidalguia.

III

Eu sou caixinha de fólha, com o no fim: — um metal. Alterando os ús em ós, um jôgo muito usual; Mas, mudando a inicial em p, ver-me-hão, após, feito pé de irracional.

SOLUÇÃO DAS ANTERIORES:

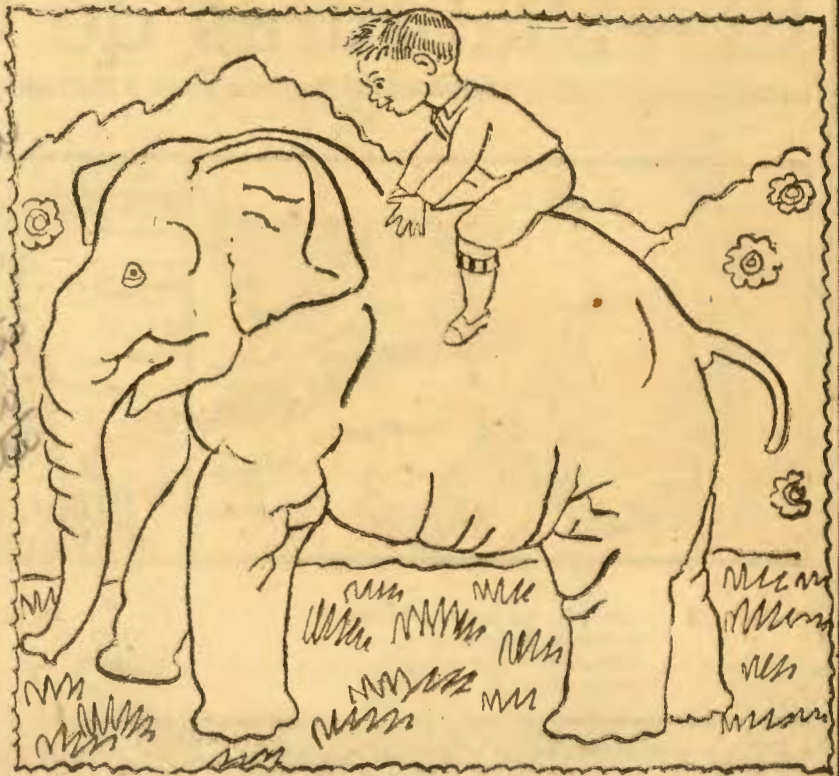
I — Pastel.

II — Mato — gato, rato, pato.

A DIVINHA



Meus meninos: — Vejam se descobrem o ecologo colecionador destes insectos.



Correspondência

Dynette: — O sr. Santa-Rita que se encontra ausente de Lisboa, desde o principio de Agosto, só agora recebeu a carta de V. Ex.^a, à qual vai responder dentro de poucos dias.

Maria do Rosário: — Idem.

Fernando de Sousa Reis: — Brevemente será satisfeito o teu pedido. Até lá vai preparando a tua colaboração.

Luisinha de Oliveira: — Agradecemos, muito reconhecidos, a tua amável referência.

Teremos muito prazer em publicar os teus contos na secção infantil, com os desenhos da tua amiguinha, se viérem em condições de serem reproduzidos.

Marietta: — Os teus desenhos não

são publicáveis por serem coloridos. Manda outros.

Nuno P. da Costa Gomes: — A tua idéa não é exequível. Podes, contudo, concorrer ao primeiro concurso que recomençará em 1 de Dezembro.

X. Y. Z.: — Só há dois dias recebemos o teu original. Vai ser sujeito à apreciação do nosso director, que o publicará se fôr digno de figurar no nosso suplemento.

Rouxinol de Bernardim: — Deixa crescer as âsas e depois cantarás e encantarás os nossos leitores. Não desanimes com a franqueza da nossa resposta.

Um grande abraço, envolvendo todos do vosso âmguinho.

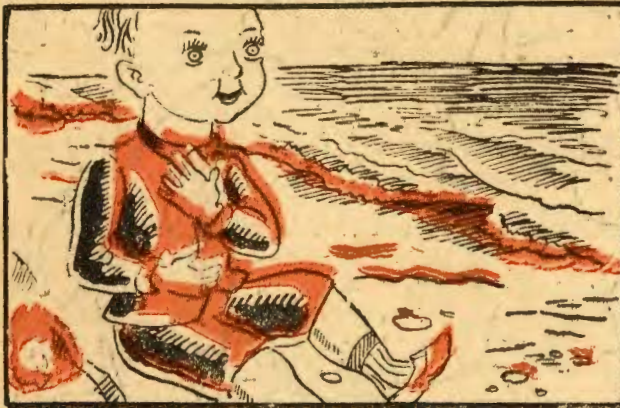
TIO PAULO

L I Ç A O D E D E S E N H O

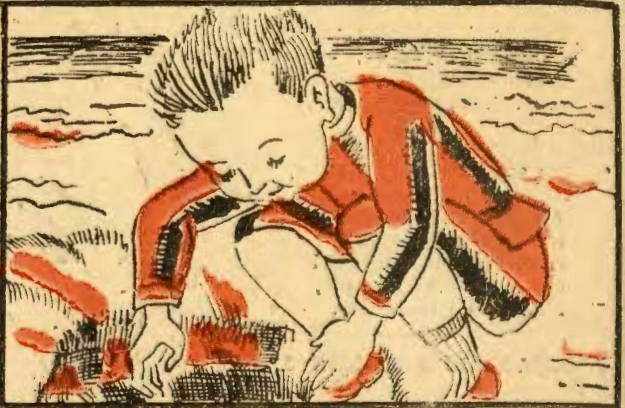


Como se desenha um pato

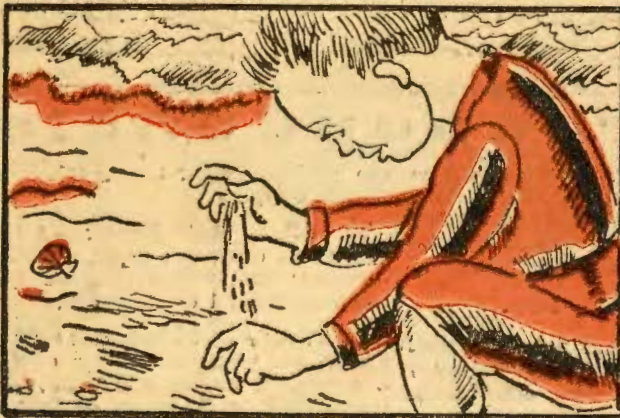
III—Diabruras de Chiquinho



I — Sentado na praia, o Chico, com sua farpela nova, resolveu, o demonico, abrir na areia uma cova.



II — Vendo-a já com certa roda e muito funda, decide, com canas, uns pés de vide, e uns jornais, tapá-la tôda.

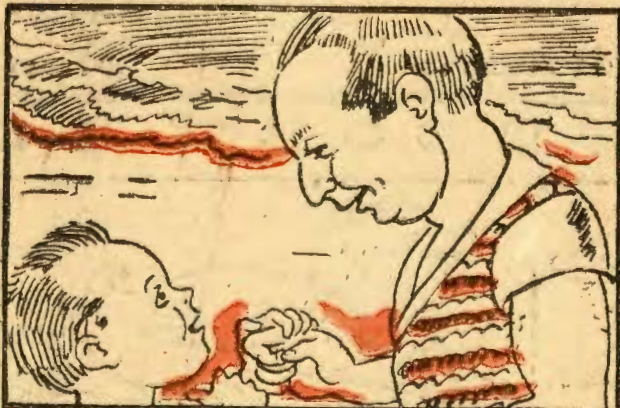


III — Depois de tôda tapada, com tam plana superficie, põe de areia uma camada, como se não existisse.



IV — Vendo o padrinho chegar, disfarça e, sem que lhe custe, convida-o a passear para lhe armar o embuste.

V — «—Venha comigo, padrinho...» diz-lhe e, certo que êle aprova, vai-lhe indicando o caminho onde se encontrava a cova.



VI — Mas ao chegar já pertinho dêsse embuste preparado, apeteceu ao padrinho pôr ao coço o afilhado.



VII — Quem tal lhe diria?! Pois Chiquinho nem tempo teve para protestar e, em breve, caíam na cova os dois.

VIII — A quem faz mal muita vez um revirinho se dá; tarde ou cedo em nós está o mal que aos outros se fez.